

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 12 - "A história de um jovem e seus amigos"
Daniel 1 a 6

Elaborado por Pedro Vieira Veiga
pedrovieiraveiga@hotmail.com

Hoje iniciamos a última fase deste trimestre. Nela, discutiremos o livro de Daniel. Gostei muito de saber que este livro é justamente o último livro que estudaremos juntos: a sua mensagem de esperança e fé é um excelente assunto para com o qual nos despedirmos. Sendo assim, sigamos em frente.

O livro de Daniel é um livro bastante diferente dos demais livros do Antigo Testamento por vários motivos. Contudo, a maior diferença entre ele e os outros livros geralmente passa totalmente despercebida por nós. Isso acontece porque em nossas Bíblias nós encontramos uma tradução extremamente trabalhada desta obra. Se não fosse assim, perceberíamos que o livro de Daniel não foi escrito em uma única língua, como os outros livros do Antigo Testamento, mas em três. Isso mesmo, o livro de Daniel foi originalmente composto em três línguas: o aramaico, o hebraico e o grego. Existem muitas hipóteses para tentar explicar porque isso aconteceu, mas para nós não é importante poder entender este processo detalhadamente, mas sim apenas compreender que dividindo o texto em blocos referentes às línguas originais, obtemos as diretrizes para uma divisão bastante adequada de todo o livro. Esta divisão é a seguinte: capítulo um, introdução; capítulos dois a sete, narrativas; capítulos oito a 12, visões; capítulos 13 e 14, mais narrativas. Aqui é importante observar que em nossas Bíblias, os textos que foram escritos originalmente em grego foram removidos por terem sido considerados adições posteriores às Escrituras. Por isso, nossas

Bíblias não contém os versículos 24 a 90 do capítulo três e os capítulos 13 e 14, como as Bíblias católicas, por exemplo.

De qualquer forma, segundo esta divisão, esta semana lemos a introdução e a primeira parte do livro de Daniel. Esta primeira parte contém as narrativas acerca de Daniel e seus amigos; histórias ágeis, interessantes e com profundo sentido teológico. Todavia, antes de lidarmos com seu conteúdo, ainda é preciso observar uma outra igualmente profunda e sutil diferença entre o livro de Daniel e os outros livros do Antigo Testamento.

Para compreender esta diferença, vamos partir de uma pergunta crucial: qual é o tema principal deste livro? Poderíamos sugerir inúmeras respostas, mas sigamos pela que me parece a melhor: a soberania de Deus sobre a história. Contudo, você poderia perguntar: não é este o tema de todos os livros proféticos? Bem, este é, de fato, *um* tema de grande parte dos livros proféticos, mas só em Daniel ele é *o* tema. No livro de Daniel, a história passa a ser vista de uma perspectiva muito mais afastada. O autor não proclama apenas a soberania de Deus sobre alguns eventos relativos a uma situação, mas sim sobre a história universal. Esta mudança de perspectiva é, em grande parte, única nos livros bíblicos. Contudo, o conteúdo do livro de Daniel teria sido comprometido caso o autor não tivesse escolhido um ponto focal nessa história tão vasta. E o ponto que ele escolheu foi justamente o seu desenlace, o seu clímax. Este desenlace é o momento crucial em que o Senhor assumirá o seu posto aos olhos de

todos – inclusive os mortos, que terão ressuscitado. É o momento que está sendo preparado por todos os outros momentos.

Dessa forma, concluindo que o ponto focal deste livro é a resolução de toda a história, chegamos à segundo grande diferença entre Daniel e os demais livros do Antigo Testamento. O livro de Daniel não faz parte do gênero profético, como muitas vezes estamos acostumados a pensar. Daniel é um livro apocalíptico. Este gênero nasceu nos séculos posteriores ao exílio Babilônico, quando a inspiração literária parecia estar esgotada, trazendo um novo ímpeto criativo. Contudo, não é um gênero que brota do nada, mas é herdeiro de outras formas de escrever que já estavam em uso há muitos séculos. De fato, a apocalíptica herdou da profecia a missão de proclamar a ação de Deus na história e a esperança que brota desta constatação. Do gênero sapiencial, ela herdou o interesse pela interpretação das antigas profecias, e do gênero narrativo, o uso da ficção. Isso mesmo, da ficção.

É aqui que finalmente chegamos a um dos aspectos mais controvertidos do livro de Daniel. Todavia, a nossa reflexão sobre a controvérsia terá de ficar para a semana que vem. Agora que já isolamos o trecho que estamos estudando esta semana e já compreendemos o caráter geral desta obra, vamos rever, mais especificamente, o que livro em si tem a nos ensinar.

Tomemos como base para esta análise o primeiro sonho de Nabucodonosor, que está no capítulo dois. O que é que o imperador da Babilônia viu neste sonho? Bem, uma enorme estátua com a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés de ferro e argila. E, enquanto ele a observava, uma pedra caiu

sobre os pés dela e os destruiu, triturando também todo o resto da estátua de tal forma que não sobrou nada dela. Então a pedra cresceu a ponto de ocupar a terra toda. A interpretação de Daniel, que aliás salva vida dos magos da corte, é simples. A cabeça é o império babilônico. As demais partes da estátua são reinos que o sucederão e que serão cada vez mais fracos. Por fim, virá um reino que destruirá todos os que lhe precederam e que não terá fim.

A mensagem é clara: Deus é o soberano sobre a história. Não adianta reunir o maior e mais poderoso exército da terra, não adianta organizar-se de maneira espantosa; quem decreta o começo e o fim dos impérios é o Senhor. E ele já decretou que todos os impérios passarão mediante a chegada de um reino que jamais passará porque ele, o Senhor, assim o quer. E o interesse do autor deste livro na chegada deste reino é o que faz desta obra um livro apocalíptico, um livro que lida com o desenlace da história.

Mas tomemos um passo adiante. Qual reino veio após o império babilônico? Ora, o império persa. E quem veio depois deles? Alexandre, o grande. E depois dele? Os seus generais, Seleuco, Ptolomeu... E depois? Bem, os seus descendentes. Pois é. Está aí a estátua. A cabeça é o império babilônico, o peito e os braços são o império persa, o ventre e as coxas são o império de Alexandre e as pernas e os pés são os reinos de seus generais e seus descendentes.

Dessa forma acabamos dando uma meia volta que nos trouxe de volta ao assunto da semana que vem. Porque, se o reino que dura para sempre veio logo após o reino dos selêucidas e ptolomeus, então ele chegou por volta do século II a.C.

Mas a história não registra a existência deste reino. O que terá acontecido?

Bem, isso nós veremos na semana que vem. Mas mesmo sem a resposta para esta pergunta, ainda temos em mãos uma poderosa mensagem. Eu não sei quanto a vocês, mas depois de ter começado a estudar este livro, não consegui mais ler o jornal da mesma forma. Eu abro aquelas páginas e vejo notícias tristes e uma descrição minuciosa de uma sociedade doente que, em sua desordem, acaba seguindo por um rumo bastante ruim. A minha primeira reação sempre foi achar isso uma pena e questionar a possibilidade de se transformar esta situação para melhor. Contudo, agora,

conhecendo melhor a história de Daniel, é mais fácil perceber que o Senhor está a par de tudo isso e está em pleno controle da situação. Se as coisas chegaram a esse ponto, foi porque ele permitiu que assim fosse. E se ele permitiu que assim fosse, ainda há uma esperança. De fato, pela fé, siga os passos de Daniel e creio que ainda haverá um desenlace absolutamente surpreendente para todas essas coisas.

Saber que Deus é soberano sobre a história é confiar nele. Portanto, continuemos confiando e vivendo em meio a tempos difíceis e cruéis sabendo que a nossa esperança vem do nosso Deus, e de nada mais.